



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: O Estado de S. Paulo

Data: 25/10/2009

Caderno / Página: NOTAS E INFORMAÇÕES / A3

Assunto: A eleição do novo reitor da USP

A eleição do novo reitor da USP

Com a participação de 1.641 votantes, entre representantes de professores, funcionários e alunos, a Universidade de São Paulo (USP) concluiu, na terça-feira, a primeira etapa do processo de escolha de seu 25º reitor, que resultou na composição de uma lista sêxtupla, numa disputa entre oito candidatos. A próxima etapa ocorrerá em 10 de novembro, quando um colégio de 330 eleitores, integrado por diretores e vice-diretores de unidades, presidentes de órgãos colegiados e representantes de discentes e servidores, selecionará três dos seis nomes escolhidos no primeiro turno e os enviará ao governador José Serra, que escolherá o próximo reitor.

Com 5,7 mil docentes, 48,5 mil alunos de graduação, 22 mil alunos de pós-graduação e 15,2 mil funcionários espalhados em 40 unidades e 11 campi, a USP é a maior universidade do País. Com 214 cursos de graduação, num total de 3.639 disciplinas, e 229 programas de pós-graduação, com 587 cursos oferecidos, ela também é a principal universidade da América Latina em matéria de produção científica.

Em 2008 formaram-se na USP 5.946 alunos de graduação. E outros 5.552 concluíram o mestrado ou o doutorado. Ao todo, docentes e pesquisadores publicaram 26.748 artigos no Brasil e 5.532 artigos no exterior, no ano passado, e receberam 944 prêmios nacionais e 128 prêmios internacionais. Além das atividades de ensino, a USP mantém 5 museus, 2 hospitais universitários, 2 hospitais veterinários, 1 orquestra e centros culturais. O orçamento anual de R\$ 2,8 bilhões é superior ao de muitos municípios de médio porte.

Apesar da relevância desses números, contudo, a USP vem enfrentando problemas que podem comprometer seu padrão de excelência. Um deles é o excesso de burocratização e centralização. A obrigatoriedade de preenchimento de dezenas de relatórios e de participação em reuniões muitas vezes inócuas, por exemplo, obriga professores e pesquisadores a perderem tempo com tarefas administrativas, o que prejudica as atividades de ensino e pesquisa. Sob a justificativa de coordenar programas, adotar projetos pedagógicos e atuar como "interlocutores" junto ao MEC, docentes vinculados às pró-reitorias vêm impondo aos professores exigências burocráticas absurdas e tentando esvaziar a autonomia de coordenadores de grupos de iniciação científica.

Mais grave ainda, vários docentes trocaram a sala de aula pela política corporativa e passaram a se mobilizar para controlar os órgãos colegiados, o que lhes dá complementação de salário, viagens e, principalmente, poder. O ensino e a pesquisa ficam de lado. Isso resultou na formação de grupos políticos, que muitas vezes levam os órgãos centrais da Reitoria a decidir mais com base em interesses pessoais do que em critérios acadêmicos ou por mérito. Foi esse um dos motivos que levaram a USP a ampliar sua presença no interior, colidindo com a Unesp - a universidade pública que foi criada em 1976 pelo governo estadual justamente para oferecer ensino superior fora da capital.

Algumas das novas unidades da USP estão situadas a menos de 100 quilômetros de faculdades da Unesp. Oferecem o mesmo curso na mesma região socioeconômica, o que é um contrassenso. Além disso, algumas cidades onde a USP instalou novos cursos foram escolhidas por razões políticas. É o caso de Ribeirão Preto, de onde veio a atual reitora, Suely Villela, que recentemente se filiou ao PSB e é apontada como candidata a deputada federal. A expansão da USP no interior também gerou outro problema, que é a disputa por poder entre as unidades da capital e as demais unidades. Vários órgãos centrais da USP têm sido foco de animosidades veladas entre professores das faculdades mais tradicionais, situadas em São Paulo, e docentes dos campi de Piracicaba, Pirassununga, São Carlos, Bauru e Lorena. Entre 2004 e 2007, as unidades da capital aumentaram seu corpo docente em 9%, ante 24% em unidades do interior.

Essa é a contradição que hoje caracteriza a USP. Sua extraordinária expansão, em 75 anos de existência, resultou numa estrutura administrativa excessivamente burocratizada e em órgãos colegiados cujas decisões nem sempre privilegiam o interesse acadêmico. E, sobre isso, infelizmente, os candidatos que disputam o segundo turno até agora se limitaram a fazer propostas vagas.